

HENRIQUE TAVARES FONSECA

SUBSÍDIO PARA TRABALHLO COM TURMAS COMPOSTAS NO ENSINO BÁSICO

Bacharelato em Supervisão e Orientação Pedagógica



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Praia – Maio de 2009

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Subsídios Para Trabalho Com Turmas Compostas no Ensino Básico

Henrique Tavares Fonseca

Praia, Maio de 2009

**INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Subsídios Para Trabalho Com Turmas Compostas no Ensino Básico

Trabalho Científico apresentado ao Instituto Superior de Educação para a Obtenção do
Grau de Bacharelato em Supervisão e Orientação Pedagógica

Memória apresentada por Henrique Tavares Fonseca
Sob a orientação da Professora Maria de Lourdes Semedo

Praia, Maio de 2009.

Henrique Tavares Fonseca

Subsídios Para Trabalho Com Turmas Compostas no Ensino Básico

Aprovado pelos membros do júri e homologado pelo Presidente do Instituto Superior da educação, com requisito parcial para a obtenção do Grau de Bacharelato em Supervisão e Orientação Pedagógica

O Júri :

Praia, ____/____/____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho: à memória dos meus falecidos Pais *Januário Gomes Fonseca e Norberta Fernandes*; à minha Esposa Maria do Carmo; aos meus filhos e aos amigos em especial ao Apolinário Sanches.

AGRADECIMENTOS,

A realização de um trabalho desta natureza implica sempre a conjugação de esforços de diversas entidades e individualidades. Este trabalho não teria se tornado realidade sem o apoio da professora Maria de Lourdes Semedo, Docente do Instituto Pedagógico da Praia, obrigado por ter aceitado o desafio de me orientar na realização deste trabalho, acompanhando-me sempre, principalmente nos momentos mais difíceis, com sua amabilidade e espírito de colaboração na medida em que foi muito mais difícil encontrar um orientador do que a realização do próprio trabalho.

Igualmente, devo agradecer personalidades cuja colaboração foi muito preciosa na realização deste trabalho, designadamente: aos professores inqueridos o entrevistado, colegas da formação, à minha família pela compreensão e a todos aqueles que de uma maneira ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Bons professores educam para uma profissão, professores fascinantes educam para a vida.

(CURY, Augusto: 2003)

INDECE

DEDICATORIA.....	3
AGRDECIMENTO.....	4
Índice de quadros.....	8
Índice de gráficos.....	8
Introdução.....	9
Capítulo I Quadro Teórico.....	14
1.1-A evolução do Ensino em Cabo Verde - Breves Referências.....	14
1.1.2- Educação na Época Colonial.....	14
1.1.3- Educação Pós-Independência.....	15
1.1.4-Estrutura do Ensino Pós-Independência.....	16
1.1.5- Os Fundamentos da Reforma do Ensino Básico em Cabo Verde.....	17
1.2- Clarificação de Conceitos.....	18
1.2.1-Turmas Compostas.....	18
1.2.2-Ensino.....	18
1.2.3-Aprendizagem.....	19
1.2.4-Estudo Individual.....	20
1.2.5-Trabalho Independente.....	20
1.2.6-Ensino Multinível.....	20
 Capítulo II	
2-Trabalho com Turmas Compostas.....	23
2.1-Actividades Pedagógicas nas Turmas Compostas.	24
2.1.1-Orientação Sobre o Trabalho com Turmas Compostas.....	29
2.1.2-Preparação do Professor.....	30
2.1.2.1-Preparação do Plano de Aula.....	31
2.1.2.1.1-O desenvolvimento do Trabalho Independente.....	32

Capítulo III

3- Apresentação e Análise dos Resultados.....	36
3.1-Representação dos Professores.....	36
3.2-Análise de Entrevista.....	41
3.3-O Acompanhamento/Observação de Aulas com Turmas Compostas....	42
3.3.1-Observação de Uma Aula de Ciências Integradas e Expressões	
Plástica.....	42
3.3.1.1-Comentários da Observação da Aula Assistidas	43
Conclusão	45
Limitações	47
Recomendações/ Sugestões.....	48
Bibliografia	49
Anexos	

Índice de Quadros

Quadro nº 1: Resumo de aplicações dos instrumentos.....	13
Quadro nº 2: Números de turmas compostas nos últimos dois anos lectivos ...	24

Índice de Gráficos

Gráfico nº 1: Habilitações Profissional dos Professores.....	36
Gráfico nº 2: Turmas que Leccionam.....	37
Gráfico nº 3: Formação Inicial dos Professores.....	37
Gráfico nº 4: Planificação das Aulas das/Para Turmas Compostas.....	38
Gráfico nº 5: Planos de Aulas Utilizados Para Leccionar.....	38
Gráfico nº 6: Preferências das turmas Para Actuação.....	39
Gráfico nº 7: Aproveitamento dos Alunos nas Turmas Compostas.....	39

INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos está em constante mutação. É a sociedade da informação, por isso a escola tem adoptado estratégias e medidas de fazer com que os alunos estejam formados e informados. Actualmente quem tem informação, diz-se que tem poder. Tendo em conta essas mudanças sociais e os desafios que são colocados à educação, segundo Delors, *“a educação para além de fornecer conhecimentos aos alunos deve apetrechá-los com competências que os possam ajudar ao longo de toda a sua vida. Para este autor, a educação deve ser concebida como um todo, que se apoia em quatro grandes pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viajar juntos e finalmente o aprender a ser”*¹.

Relativamente ao sistema educativo cabo-verdiano, a educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas, pois, é um sistema aberto e está estruturado em 5 (cinco) níveis de ensino a saber: ensino pré-escolar, o ensino básico integrado, o ensino secundário, o ensino superior e o profissional.

Nesta perspectiva Delors, *“numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento doutras formas de aprendizagem, importa conhecer a educação como um todo. Esta perspectiva deve inspirar e orientar reformas educativas, tanto a nível da elaboração de programas como a definição de novas políticas pedagógicas”*².

O referido autor diz-nos ainda que, *“cabe à educação fornecer às crianças e aos adultos as bases culturais que lhes permitam decifrar, na medida do possível, as mudanças em curso. Os sistemas educativos devem dar respostas aos múltiplos desafios*

¹ DELORS, Jacques e al. *Educação um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre a Educação Para o séc. XX*. Lisboa. Edições ASA. 1996. 14.

² Idem. P. 88.

*das sociedades da informação, na perspectiva dum enriquecimento contínuo dos saberes e do exercício duma cidadania adaptada às exigências do nosso tempo.”*³

Neste sentido, põe-se a tónica nas turmas compostas que existem no nosso país e há que pensar no tipo de ensino que iremos adoptar para dar resposta aos múltiplos desafios da sociedade actual. Sendo assim, *“a política educativa deve ser suficientemente diversificada e concebida de modo a não se tornar um factor suplementar de exclusão social.”*⁴.

Assim no âmbito deste trabalho, analisámos a organização das turmas compostas, os factores da sua origem, a evidente contextualização da sua existência no meio rural caboverdiano e a complexidade que caracteriza as experiências docentes desenvolvidas na realidade campesina.

Justificação da escolha do tema

O tema – *Subsídios para Trabalhar com Turmas Compostas no Ensino Básico*, justifica-se, por um lado pelas razões afectivas e, por outro, prende-se com as razões de ordens profissionais, o facto de se tratar de turmas compostas, o berço das nossas actividades na docência. Ou seja, toda a nossa motivação na dissertação dessa temática tem a ver, basicamente, em deixar algo escrito que retrata as nossas experiências, que consideramos valiosa nesse campo de estudo. E para tal, começaríamos por realçar que o trabalho em turmas compostas, não é uma tarefa fácil, pois, requer do educador coragem e profissionalismo já que, à partida, enfrentam-se grandes dificuldades nomeadamente a falta de apoio por parte dos órgãos competentes do Ministério da Educação no que diz respeito à coordenação pedagógica que é feita exclusivamente para as turmas simples, ficando o professor à sua escolha em que ano da fase assiste a coordenação.

Durante o tempo em que trabalhamos em turmas simples verificamos que há um aspecto muito importante mais perceptível pelos professores que já leccionaram nas duas modalidades de turmas, que é o trabalho independente. Podemos dizer que este tipo de actividade desenvolve nos alunos a criatividade e habilidades e a competência, que não podemos observar nos alunos das turmas ditas simples, na medida em que o professor muitas vezes adopta métodos verbalísticos que não contribui para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, torna-os repetidores de informações, não pensadores.

Está ainda na base desta escolha, o facto de que teremos pela frente uma tarefa de coordenar e supervisionar o sistema educativo no Ensino Básico, em que podemos

³ Idem. p. 52.

⁴ Idem. p. 59.

encontrar várias modalidades de turmas, simples, compostas e turmas consideradas especiais, onde podemos compartilhar os nossos conhecimentos adquiridos na formação pioneira de supervisão pedagógica e das nossas experiências adquiridas ao longo dos anos na docência.

Vale ainda a pena acrescentar que existem poucas pesquisas académicas nesta área em Cabo Verde de modo que com este trabalho, pretendemos produzir um documento que poderá servir como um instrumento de apoio, aos professores que trabalham em turmas compostas, bem como ajudar coordenadores na supervisão pedagógica.

Sendo para tal delineamos os objectivos norteadores do mesmo, que de uma forma geral visa, compreender em que medida o trabalho com turmas compostas pode contribuir para o progresso dos alunos. E mais especificamente temos:

- Identificar junto com os docentes as dificuldades em trabalhar com turmas compostas;
- Apresentar as tarefas realizadas pelos professores no desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem nas turmas compostas;
- Analisar e descrever a complexidade de uma turma composta;
- Propor sugestões/melhorias para trabalhar com turmas compostas.

Pergunta de partida

Este trabalho visa responder à seguinte questão:

Que aspectos, devem merecer atenção para melhoria da qualidade de ensino nas turmas compostas?

Estrutura

Quanto à estrutura, o trabalho comporta as seguintes partes: uma “introdução”, seguida de três capítulos, conclusão e anexos.

Primeiro capítulo incorpora um quadro teórico onde fizemos uma breve referência da evolução histórica do ensino em Cabo Verde e a definição conceitos que nos ajudam a compreender a temática em estudo.

O segundo capítulo também teórico, procuramos conhecer o historial das turmas composta em Cabo Verde e um leque de actividades a serem executadas nas aulas do teor.

Para o terceiro e o último capítulo, apresentamos e analisamos os resultados dos questionários orais e escritos aplicados aos professores e das aulas assistidas.

Por último apresentamos as conclusões, limitações e recomendações seguidas da bibliografia e dos anexos.

Metodologia

“Os estudantes do ensino superior, obrigatoriamente devem empenhar-se no trabalho de investigação. Nem nas aulas a que assistem, nem os seminários em que participam, na instituição em que se encontram inscrito, são suficientes para que obtenham um conhecimento seguro das matérias em causa”⁵.

Partindo destes pressupostos, optamos por realizar um trabalho de investigação, subsídios para trabalho com turmas compostas no Ensino Básico.

Enfoque Metodológico

Os métodos e técnicas utilizadas no estudo foram: pesquisas bibliográficas, análise documental, entrevista informal, questionários aplicados aos professores dos concelhos de Santiago nomeadamente Santa Catarina, S. Domingos e Praia; análise e tratamento dos dados recolhidos utilizando o Excel, a apresentação e comentários de dados, bem como apresentação de propostas de melhoria para que os professores prestem um serviço de qualidade cada vez maior.

Instrumentos Aplicados

Para a recolha dos dados elaborou-se um questionário⁶ para obter subsídios com vista a melhoria da qualidade do serviço prestado nas turmas compostas. Trata-se de um instrumento simples com a identificação visando dar mais credibilidade ao estudo.

No início do questionário apresentamos os objectivos da sua aplicação, o tema em estudo, a garantia da confidencialidade. O questionário comporta perguntas abertas e fechadas com opção sim/não.

Na primeira parte do questionário vêm as informações dos professores com a indicação do nome, sexo, Função, tempo de serviço e habilitação profissional e académica.

A segunda parte destina-se à recolha de informações sobre o local de trabalho e à turma que leccionam.

Com os restantes questionários, pretendemos compreender os métodos e as técnicas praticados pelos professores no trabalho com turmas compostas.

⁵ LAMAS, Estela (coord.) et al. *Contributos para uma Metodologia Científica mais Cuidada*. Lisboa. Instituto Piaget.(2001.11)

⁶ Anexo nº 5

Entrevista informal com questionário previamente elaborado a um professor de forma a recolher outras informações necessárias para a análise⁷.

Por último fez-se assistência de 3 (três) aulas nas turmas compostas, uma na Praia rural e duas na Calabaceira de Ribeira Grande de Santiago a duas professoras e um professor respectivamente em que só uma foi analisada. Utilizamos uma ficha de observação previamente elaborada.

Procedimentos

O trabalho decorreu de Novembro 2006 a Setembro de 2007, e teve os seguintes momentos:

- Planificação, informação e selecção do público – alvo;
- Recolha de bibliografias e leituras recomendadas;
- Elaboração, testagem e aplicação de instrumentos de recolha de informação;
- Tratamento e análise dos dados;
- Redacção do trabalho seguida de correcções feitas pela orientadora do trabalho.

Quadro nº 1: Resumo de aplicações dos instrumentos

Instrumento de recolha de dados	Público-alvo	Sexo		Nº de questionários enviados	Nº de questionários recebidos
		F	M		
Questionário	Professor	2	10	20	12
Entrevista	Professor	-	1		-
Ficha de observação de aula	Professor	2	1	-	-

⁷ Anexo nº 4

CAPITULO I

QUADRO TEÓRICO

1.1- A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO ENSINO EM CABO VERDE – BREVES REFERÊNCIAS

1.1.2- Educação na Época Colonial

A educação na época colonial compreende a uma etapa em que a educação em Cabo Verde fazia parte integrante do sistema educativo português, cujo objectivo essencial era a preparação dos agentes administrativos capazes de perpetuar a política de exploração colonial, bem como a formação cultural básica (ler e escrever), que se encontrava ao cargo da igreja, o braço espiritual da metrópole que estava direccionado para catequização das almas⁸. Sendo assim, este sistema educativo caracterizava-se da seguinte forma:

- Uma educação instrumentalizada politicamente pelo poder colonial, cujos princípios, valores e objectivos orientavam o ensino praticado nas escolas cabo-verdianas.
- Uma educação alienada porque não alicerçada na realidade cabo-verdiana e, logo inadaptada as condições físicas, geográficas, humanas económicas e culturais de Cabo Verde;
- Uma educação altamente selectiva a que se tinha acesso em função e na medida da necessidade da defesa e reprodução da ordem colonial portuguesa;
- Uma educação altamente discriminatória e elitista, que oferecia escassas oportunidades às camadas mais desfavorecidas da sociedade cabo-verdiano;

⁸ VARELA, Bartolomeu L. *Manual de Planeamento e Gestão do Curso da Supervisão e Orientação Pedagógica*. Praia. ISE. 2004. P. 6.

Apesar da educação colonial se ter revelado inadequada a realidade e às expectativas da nação cabo-verdiana, podem extrair-se aspectos positivos tais como:

- As metodologias tradicionais de ensino, nomeadamente as de iniciação à escrita e ao cálculo serem acessíveis aos professores, que as podiam aplicar sem grandes dificuldades e bem assim à generalidade da população letrada que assim podia elaborar muitas vezes e até precocemente, na alfabetização e iniciação a aritmética das crianças;
- A circunstância de nessa época poder encontrar-se o núcleo essencial das competências e dos saberes em número restrito de manuais de texto não necessariamente longos, o que facilitava a apreensão dos conteúdos programáticos essenciais.
- Os manuais, especialmente da língua portuguesa, davam devida importância aos valores morais, éticos e cívicos.

1.1.3- Educação Pós-Independência

A investigadora, Maria Manuela⁹ para analisar a Educação no pós-independência, começa por dizer o seguinte:

“Se no período colonial os métodos de ensino pedagógicos utilizados, o conteúdo das disciplinas, o fim da educação e a utilização do português como língua de ensino, contribuíram para transformar a escola num local de selecção social, com a independência a educação atinge uma nova dimensão e é entendida como um instrumento de transformação das estruturas e relações sociais, favorecendo o desenvolvimento e a coesão do país”.

Analizando esta informação mais as pretensões desenvolvidas durante o II congresso do PAICV, 1983, pelo menos estas, daríamos a razão a quem tenha defendido, que de facto, era preciso uma nova investidura, em termos reformáticos dos conteúdos, dos manuais e do próprio sistema em si. Se antes a educação identificava-se com os objectivos da metrópole, hoje (com a independência) terá que identificar com a nossa nação e o nosso estado, sendo construído após a independência, com o único objectivo de nos servir.

“Investir neste sector é uma condição necessária do desenvolvimento, ao mesmo tempo que contribui para favorecer a unidade e a identidade nacionais.”¹⁰

De acordo com a investigadora nesta época houve uma nacionalização ou a democratização do ensino, em que todas as crianças em idade escolar frequentavam o

⁹ AFONSO, Maria Manuela. *Educação e Classes Sociais em Cabo Verde*. Praia. 1ª Edições. 2002. p. 126.

¹⁰ Idem. p.126.

estabelecimento de ensino. “A escola, para além do local de Aprendizagem, torna-se também o motor para a mudança e para o desenvolvimento político da população. Reduzir ou mesmo erradicar o analfabetismo (que atingia cerca de 60% da população adulta, em 1975), alargar a oferta de ensino de modo a satisfazer às novas necessidades face às novas funções e responsabilidades que o estado foi chamado a desempenhar nos domínios da organização política e económica, eram os grandes desafios que se colocavam em matéria de educação.”¹¹

1.1.4- Estrutura do Ensino Pós-Independência

O sistema do ensino inicialmente implantado apresentava uma estrutura em que se evidenciam fundamentalmente:

- O ensino pré-primário que começava com a idade de 6 anos por um período de 1 ano;
- O ensino primário com a duração de 4 anos, sendo a idade mínima para a matrícula de 7 anos;
- O ensino preparatório com a duração de 2 anos;
- O ensino secundário ou liceal com duas vias: a liceal e a técnica com a duração respectivamente de 5 (sendo 3 anos para o curso geral e 2 para o complementar) e 3 anos.
- O ensino superior não era inicialmente ministrado em Cabo Verde, mas no exterior. Todavia, criaram embriões do que serão futuras instituições do ensino superior: pelo “decreto nº70, de 28 de Julho”, é formalizada a criação do Curso de Formação de Professores do Ensino Secundário, que mais tarde irá dar lugar ao Instituto Superior da Educação; O Centro de Formação Náutica irá evoluir para o actual Instituto Superior da Engenharia e Ciências do Mar.
- Contudo a educação “extra-escolar”¹² conquista o terreno no período de transição para a independência, com o Movimento Nacional da Alfabetização e Educação de Adultos.

A implementação deste novo sistema de ensino é marcada pela abolição do ensino pré-primário com carácter oficial e generalizado, ao contrário do que vinha acontecendo desde 1968.

¹¹ Iden; Iben. P. 126.

¹² Queremo-nos referir a educação de Adultos.

Este nível de ensino provocou um aumento de efectivos do ensino primário, o que levou a uma forte explosão da população escolar do ensino primário conduzindo, desta forma, a deterioração da qualidade de ensino, uma vez que não houve nenhuma relação directa entre aumento de efectivos e criação de condições de acolhimento, nomeadamente a construção de redes escolares e formação de professores.

O ensino preparatório visava simplesmente a preparação para o ingresso ao ensino secundário, constituindo o conjunto de 6 anos de escolaridade, uma simples etapa de um sistema de 11 anos de ensino, não conferindo assim, qualquer preparação para a vida activa da grande massa de jovens que não tinham acesso ao ensino secundário.

Apesar do Ministério da Educação reconhecer a importância do ensino pré-primário no progresso de desenvolvimento da criança, optou pela superação temporária desse nível de ensino a partir de 1975, por se considerar as condições de funcionamento altamente deficientes e a metodologia adoptada não se enquadrar nos objectivos próprios deste nível de ensino. Foi feito um esforço no sentido de criar uma rede de jardins-de-infância para colmatar progressivamente as lacunas deixadas pela suspensão do ensino pré-primário.

A título de exemplo nesta época havia 12 jardins-de-infância, que englobavam 1225 crianças, sendo essas orientadas e ministradas pelo Instituto Cabo-verdiano de Solidariedade e pela Cruz Vermelha.

1.1.5- Os Fundamentos da Reforma do Ensino Básico em Cabo Verde.

Antes de entrar por dentro do tema, pretendo falar ou mesmo definir o termo “Reforma” dizendo que por mais vulgar que pareça o termo referido nos provoca algumas sensações.

No entanto, a reforma pode ser definida como acto ou efeito de reformar quando visto num dicionário – ainda pode ser: dar novas formas; mudar para melhor.

Mas, saindo desta a reforma Educativa pode ser definida como um conjunto de transformações Ideológicas, Culturais, Políticas, Económicas, Sociais ocorridas no Sistema Educativo. Por outro lado pode ser “as reformas educativas aparecem como imperativos de mudança, correspondendo, em geral, os anseios profundo da Sociedade¹³”.

¹³ CARVALHO, Adriana. Ensino Básico Integrado – Instituto Pedagógico – caderno 2. Mindelo. Gráfico do Mindelo. 1998.

Contudo, as reformas particularmente as educativas, resultam da necessidade de se introduzir mudanças que visam melhorias que a sociedade deseja e do que se quer dela no futuro. A reforma do sistema Educativo Cabo-verdiano surge do reconhecimento do que o sistema do Ensino que estava em vigor já não respondia as exigências dessa mesma sociedade.

A Sociedade de hoje está cada vez mais complexa e exige, questiona o sistema educativo e interroga-se frequentemente quanto a eficácia do sistema de ensino.

Devido a essas novas exigências, sobretudo nos últimos anos, levou o país a construir um novo sistema de ensino, com base numa nova política educativa capaz de dar satisfação às expectativas dos próprios alunos, dos pais e ainda às de desenvolvimento da sociedade cabo-verdiana.

1.2- Clarificação de conceitos

Os conceitos que ora introduzimos no intitulado quadro teórico, estabelece um suporte teórico que servirá à parte empírica do nosso trabalho. Assim sendo, primeiramente analisaremos alguns conceitos básicos que facilitam uma melhor compreensão do tema em questão.

1.2.1 - Turmas compostas

De acordo com o nosso Sistema Educativo, turma composta consiste em associar duas ou mais turmas (classes) de níveis diferentes, como por exemplo 1º e 2º, 3º e 4º ou 5º e 6º anos numa sala de aula, sob orientação de um(a) professor(a). Em Cabo Verde esta experiência verificou-se desde o período colonial e persistiu até a actualidade, com maior evidência em localidades ditas isoladas com fraco índice de crescimento populacional. Facto curioso é que esta experiência também se vigora a nível da 3ª fase, obviamente com a reforma, uma vez que antes da reforma não existia essa fase, mas sim Ensino Básico Complementar (1º e 2º anos do Ciclo Preparatório) exclusivamente nas cidades e vilas, para não dizer zonas de maior expressão populacional.

1.2.2 – Ensino

De acordo com Marques¹⁴ o ensino consiste no processo pelo qual o professor transmite ao aluno o legado cultural em qualquer área do saber. O ensino está associado á transmissão do saber já constituído. O acto de ensinar deve subordinar á aprendizagem e da mesma forma ao desenvolvimento.

Para Altet define o ensino como um *“processo interpessoal, intencional, que utiliza essencialmente a comunicação verbal, o discurso dialógico finalizado como meios para provocar, favorecer e garantir o sucesso da aprendizagem”*¹⁵. Nessa perspectiva, o ensino pode ser concebido como um processo de tratamento da informação e de decisão na sala de aula em que o papel da dimensão relacional e da situação vivida permanece essencial.

Ainda podemos dizer que o ensino é uma forma sistemática de transmissão de conhecimentos utilizada pelos humanos para instruir e educar seus semelhantes, geralmente em locais conhecidos como escolas.¹⁶

1.2.3 - Aprendizagem

De acordo com Niza (1998) citado por Grave-Resende e Soares (2002:43), entendemos a aprendizagem como sendo *“um acto que cada um elabora a partir dos conhecimentos que já possui, estabelecendo relações múltiplas entre aquilo que já sabe e os novos conhecimentos que, em interacção com os outros, vai construindo”*¹⁷.

Nesta perspectiva, o referido autor defende que aprender significa fazer, usar, praticar com a finalidade explícita e em interacção cooperada¹⁸.

Nesse sentido diremos que aprender é um processo complexo que intervêm de uma forma interactiva os alunos, o professor e os conteúdos, num contexto determinado definido pelas actividades de aprendizagem. Ainda podemos dizer que a aprendizagem é a construção pessoal, resultante de um processo experiencial, interior à pessoa, que se traduz em modificações do comportamento relativamente estáveis¹⁹.

¹⁴ MARQUES, Ramiro. *Dicionário Breve de Pedagogia*. Lisboa. Editorial Presença. p. 2000. 58.

¹⁵ ALTET, Marguerite. *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Portugal, Porto Editora. 2000. P. 13.

¹⁶ Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino>, consultado em 07/08/2007.

¹⁷ RESENDES, Lúcia Grave & SOARES, Júlia. *Diferenciação pedagógica*. Lisboa. 2002. P. 43.

¹⁸ A esse respeito mandar cf. RESENDES, Lúcia Grave & SOARES, Júlia. In op cit. P. 43.

¹⁹ Disponível em <http://www2.dce.ua.pt/caipi/apoioaulas/teoriasAprendizagem.pdf>, consultado a 07/08/2007.

A aprendizagem é um processo que ocorre internamente, mediado cognitivamente, e não um produto directo do ambiente, das pessoas ou de factores externos àquele que aprende, mas, sem se esquecer dos aspectos sociais e culturais do aprendiz.

“A aprendizagem designa o período durante o qual uma pessoa aprende um novo saber para si e o processo pelo qual este novo se adquire”²⁰.

1.2.4 - Estudo individual

O estudo individual é planificado e dirigido pelo aluno e supõe a possibilidade de aprender a priorizar e organizar o estudo no tempo em função das suas necessidades, assim como um certo grau de desenvolvimento das habilidades e os hábitos para trabalhar com as fontes de conhecimento e os diferentes meios.

1.2.5 - Trabalho Independente

O trabalho independente é de responsabilidade do professor, dirigido ao colectivo na aquisição de novos conhecimentos, no desenvolvimento de hábitos, habilidades e capacidades, que deve garantir a correcta organização e graduação do sistema de actividades que constitui o trabalho independente dos seus alunos. Este sistema de tarefas elabora-se sobre a base de dois princípios fundamentais:

- Incrementar de forma sistemática a complexidade do trabalho dos alunos;
- Aumentar sistematicamente a actividade e a independência dos estudantes.

1.2.6 - Ensino multinível

O ensino multinível baseia-se na premissa de que a programação da unidade didáctica ou um tema deve fazer-se de tal forma que facilite a aprendizagem de todos os alunos de uma classe, respondendo às suas necessidades educativas.²¹

De acordo com Pujolas desenhar uma unidade didáctica a partir de uma abordagem de ensino multinível, implica por parte do professor, ter em conta os diferentes estilos de aprendizagem dos alunos no momento, envolver o aluno em desenvolvimento de temas

²⁰ ARÉNILA, Louis e outros. *Dicionário de Pedagogia*. Lisboa. 2000.

²¹ Cf. PUJOLAS, Pere. *Atención a la Diversidad y Aprendizaje Cooperativo en la Educación Obligatoria*. 2001. P. 62.

distintos, preparando diferentes tarefas e perguntas correspondentes a diferentes níveis de pensamento e avaliar os alunos tendo em conta suas diferenças individuais²².

Do mesmo modo Pujólas defende vivamente que desenvolver uma unidade didáctica numa perspectiva de ensino multinível implica quatro factores designadamente:

- **1º - A identificação dos conteúdos mais importantes**

De acordo com o referido teórico, o primeiro passo para elaborar uma unidade didáctica baseada no Ensino Multinível, consiste em identificar quais são os conteúdos mais importantes e os mais fundamentais que pretendemos que os alunos aprendam. Por outro lado os objectivos que pretendemos que os alunos alcancem em relação aos conteúdos não devem necessariamente ser idênticos para todos os alunos, nem devem coincidir com os previstos para o curso ou nível de grupo em questão. Podem sim referir-se, para um aluno em concreto, às competências mais generalizadas que se espera que os alunos adquiram ao longo de um período, ou uma etapa educativa.

- **2º - Estratégias de apresentação das tarefas por parte do professor**

Uma vez identificados os conteúdos fundamentais, para fazer com que todos os alunos tenham aprendizagens valiosas sobre os mesmos, há que determinar as distintas formas através das quais o professor apresentará aos alunos as informações e as tarefas de ensino-aprendizagem. Estas formas deverão ser distintas, na medida em que os alunos apresentam diferenças em seus conhecimentos prévios, na sua forma pessoal de aprender e em seus modos perceptivos (visual, auditivo, cinestésico) mais eficazes e utilizados pelos alunos em suas aprendizagens.

Outro aspecto a ter em conta é que cada aluno deve ter a oportunidade de participar em situações de aprendizagem, de acordo com o seu próprio nível. Com esta finalidade podem-se utilizar taxionomias como as de Bloom (1956), para desenhar as tarefas de aprendizagem adequadas a diferentes níveis, de forma que cada aluno possa abordar próprias tarefas a seu nível de competências podendo encorajar-lhe a progredir em direcção a metas de maior complexidade.

- **3º - Diferentes práticas para os alunos.**

Esta fase consiste em determinar os métodos e os tipos das práticas que o aluno utilizará em cada unidade didáctica, para alcançar os objectivos previsto. Se na fase anterior se tratava de buscar diferentes estratégias de ensino por parte do professor, nesta, trata-se de buscar distintas estratégias de aprendizagem por parte do aluno, tendo sempre

²² Idem. p. 62.

em conta seus distintos canais de expressão oral e escrita. Assim, o professor deve utilizar vários meios para comunicar com os seus alunos com a finalidade que nenhum aluno fique excluído da realização das tarefas propostas.

A ajuda do professor na selecção das tarefas, deve ter em conta, por um lado a necessidade que os alunos têm de sentir que progrediram com sucesso o que lhe foi proposto, e por outro lado, deve ter em conta a necessidade que os alunos têm de avançar na aquisição de novas aprendizagens / conhecimentos que lhes permitirão no futuro conseguir novos êxitos.

No enfoque da educação multinível, há um factor de extrema importância: o professor deve dar o mesmo valor às diferentes actividades e a distintas formas de participação dos alunos nessas actividades, procurando assegurar que cada aluno responda ao máximo de suas possibilidades. Cada aluno deve aprender a respeitar e valorizar os esforços de seus companheiros e os objectivos que vão conseguindo. E ainda devem aprender a colaborar com todos num processo colectivo frente a novos objectivos de aprendizagem e crescimento pessoal.

- **4º – Diferentes estratégias de avaliação**

Cada aluno deve ser avaliado a partir de actividades como as que são utilizadas para facilitar sua aprendizagem e tendo em conta evidentemente, seu nível individual de aprendizagem.

CAPÍTULO II

2 - TRABALHO COM TURMAS COMPOSTAS

O trabalho com turmas compostas, a nosso ver, trouxe consigo diferentes formas de organização e sistematização do ensino de acordo com as realidades de cada época.

De acordo com documentos recolhidos de um seminário de gestão com turmas compostas no ano 2006/07 no concelho de Santa Catarina, realizado pelos professores, gestores e coordenadores, ficámos a saber que até aos finais dos anos sessenta, devido a um número reduzido de infra-estruturas escolares vigoravam um ensino mais voltado para as classes privilegiadas, em detrimento das menos favorecidas.

Das poucas escolas que existiam, localizavam-se nas áreas urbanas ou semi-urbanas. As classes menos favorecidas, sobretudo as de zonas distantes, ficavam a margem da educação escolar ou então, tinham que ter outras iniciativas, como o caso do ensino “doméstico”, feito em casa através dos pais, quando estes sabiam ler, ou o que era mais vulgar recorriam ao “ensino particular” orientado por indivíduos que tinham no máximo o 2º grau (4ª classe).

Esses «professores» leccionavam simultaneamente, alunos de vários graus (classes). Assim, paralelamente às escolas oficiais, funcionavam escolas particulares, em que muitas vezes, a leccionação se processava em casa dos professores. Muitas dessas escolas mais tarde evoluíram-se para escolas paroquiais.

As organizações das turmas eram quase sempre as mesmas. Agrupavam-se alunos de várias classes que recebiam simultaneamente aulas de um único professor. No caso das escolas oficiais, agrupavam os alunos em regra, por nível de duas classes (1ª e 2ª classes; 3ª e 4ª classes), dando origem a turmas compostas.

Segundo a mesma fonte nos finais da década de sessenta com a massificação do ensino primário recrutou-se vários indivíduos que tinham 2º grau e foram-lhe

proporcionados uma formação de 45 dias e passaram a leccionar, com categoria de Monitor Escolar.

Nessa altura, abriram-se escolas em quase todas as localidades, recorrendo-se as salas alugadas pelo Estado.

Com essa manifestação, houve aumento significativo de crianças que passaram a frequentar escolas e com o aumento de números de salas, as turmas compostas começaram gradualmente a diminuir.

Nessa altura, as próprias instituições de formação levavam em conta a existência e complexidade de turmas compostas, pelo que os candidatos à formação de docência recebiam algumas formações sobre estratégias de gestão de turmas compostas.

Com o aumento do número de salas e de alunos, chegou o momento que em quase todas as localidades haviam salas e alunos suficientes para a formação de turmas ditas simples (turmas formadas exclusivamente com alunos da mesma classe). Isso provocou a diminuição progressiva de turmas compostas até à sua quase extinção. Desaparecendo essas turmas, desapareceu também a preocupação de preparar professores aptos a trabalharem com elas.

Actualmente, segundo as estatísticas do Ministério da Educação do Gabinete de Estudo e Planeamento, há uma tendência para o aumento das turmas compostas a nível nacional que podemos analisar no último quadro abaixo.

Quadro nº 2: Números de turmas compostas nos últimos dois anos lectivos (2005/06 e 2006/07)

Ilhas	Nº de turmas compostas	
	2005/06	2006/07
Brava	9	14
Fogo	11	14
Santiago	69	75
Maio	15	14
Boa Vista	14	15
Sal	3	3
S. Nicolau	32	36
S, Vicente	13	14
Santo Antão	61	65
Total	227	250

Fonte: Gabinete de Estudos e Planeamento (GEP)

2.1. ACTIVIDADES PEDAGÓGICAS NAS TURMAS COMPOSTAS

Um professor que trabalha numa turma composta não só tem que dar atenção, ao mesmo tempo, aos alunos de diferentes níveis de escolaridade mas também realiza todas as actividades necessárias para o ensino/aprendizagem dos alunos expressos, previamente, nos programas de ensino a que diz respeito.

Ou seja, enquanto decorre a explicação de conteúdos ou actividades de uma disciplina num nível, no outro verificam-se actividades independentes, de forma a garantir uma aprendizagem mais sólida na mesma disciplina, sem que haja confusão entre os conteúdos e, mais do que isso, dar a necessária atenção a todos os níveis, evitando deste modo, a distração entre os aprendizados.

O mais importante a que se deve levar em consideração na ministração de actividades diárias de diferentes disciplinas de turmas compostas é que elas sejam feitas de formas alternadas isto é, assim que vemos a importância da organização das actividades diárias nesse tipo de turmas, pois, mais do que em outras categorias de turmas, passa necessariamente pela planificação, com vista a proporcionar aos alunos um aproveitamento mais racional do tempo disponível.

O professor, nesta situação, está permanentemente entre uma classe e outra, não tendo tempo para reflectir sobre a actividade decorrente.

É perfeitamente compreensível que para desenvolver uma aula com alunos de classes diferentes e ritmos de aprendizagem também diferentes, somente a planificação reflexiva e cuidada das actividades docentes e educativas que se realizam diariamente, bem como o acondicionamento prévio e correcto de todos os elementos e os factores que coadjuvam o seu desenvolvimento, podem garantir um funcionamento de acordo com as orientações e o cumprimento dos objectivos propostos.

Se para ministrar aulas nas turmas simples requer habilidade pedagógica do professor, então numa turma composta a exigência ainda é maior. “O professor terá que dominar, indubitavelmente, os conteúdos programáticos, igualmente terá que ser capaz de dirigir adequadamente o ensino/aprendizagem. Assim, incontestavelmente, terá maiores possibilidades de êxitos” (Texto de apoio de Modelos Pedagógicos).

Como se vê, a leccionação em turmas de alunos com níveis de escolaridade diferentes (ou seja 1º e 2º Anos; 3º e 4º Anos) não é tão simples, o que pode, facilmente, levar ao fracasso dos professores que adoptem “métodos verbalistas ou tradicional e

dogmáticos”²³, porque é quase impossível expor, explicar e demonstrar vários assuntos ao mesmo tempo. Para nós, aquele que assim procede, corre o risco de fracassar. Isto porque o papel do professor não é senão orientar, guiar os seus alunos. Em contrapartida espera que estes sejam agentes da sua própria aprendizagem, propondo-lhes que façam, busquem, leiam, resumam, ilustrem. Mais do que isto, ensina o aluno a usar o manual escolar, os instrumentos de estudo e de trabalho, a observar, a reproduzir, a trabalhar no seu caderno diário; propicia o trabalho independente, a actividade individual, o auto controlo e assim, não terá grandes dificuldades.

Nas turmas compostas exige-se o desenvolvimento da criatividade, a capacidade de decisão, de observação de pensamento e generalização, o que se consegue só quando cada aluno se converte num participante activo do processo educativo. O professor que lecciona este tipo de turma, nem sempre poderá trabalhar directamente com todas as classes, muitas vezes fá-lo indirectamente, orientando actividades que uma classe executa de forma independente, durante uma parte de tempo de leccionação, enquanto ele está a trabalhar directamente com outra classe.

Na preparação das aulas, o professor das turmas compostas deve analisar sistematicamente em que medida e quando, cada grupo necessita da sua atenção directa, com que recursos conta para promover actividades de forma autónoma, ou independente por parte dos alunos e em que momento as actividades podem ser apoiadas por um outro aluno mais preparado. Depois de analisados estes factores, começa a planificar as suas aulas, ou seja, o que vão fazer os alunos das distintas classes em cada momento e determinando o tempo para cada actividade (ver anexo nº 10 propostas de esquemas de planos de aulas).

O professor nunca deverá preparar separadamente as aulas que coincidem na mesma hora. Se o fizer, o plano será irreal e nem valerá pô-lo em prática porque surgirão algumas dúvidas, tais como: A qual das classes deverá atender em primeiro lugar? O que fará a outra classe? Este procedimento leva a perda de tempo e consequentemente será pouco produtivo.

Como se pode observar as exigências são muitas por isso devemos ter os métodos, as técnicas e avaliação, dentro das estratégias ou actividades tendo em conta que o tempo disponível para planificar todas as aulas que vai desenvolver é curto. Embora estes planos sejam simples, devem constituir verdadeiros guias. É necessário lembrar que o professor

²³ Entendemos por métodos verbalísticos o silêncio e a obediência dos alunos sob a autoridade magistral dos professores em que muitas vezes o diálogo funciona sob a forma de perguntas e respostas.

emprega parte do tempo para aprofundar os conteúdos programáticos e preparar meios e recursos necessários para o desenvolvimento das aulas.

Para poder atingir um bom resultado no desenvolvimento do trabalho com turmas compostas, os professores devem ter em conta:

- Organizar os horários de tal forma que possa desenvolver ao mesmo tempo uma disciplina para todas as classes²⁴. Assim sendo o professor motiva a sua aula utilizando estratégias que beneficiam em simultâneo as classes. Tudo o que foi dito anteriormente não põe em causa o facto de todos os alunos estarem fazendo uma mesma actividade com o mesmo nível de dificuldade aparentemente, ainda que para alguns o objectivo seja consolidação e para outros de aquisição, ou que se realize uma actividade com diferentes níveis de exigências, conforme as classes dos alunos.

- Estudar os programas, os manuais, as orientações metodológicas e os cadernos diários, de forma a dominar objectivos, conteúdos e aspectos metodológicos dos assuntos a abordar em cada classe. Lembrar que, ter domínio dos programas não é só conhecer o conteúdo;

- Pensar na direcção do processo docente e nas actividades a realizar para determinar quais devem ser dirigidas directamente pelo professor e em que momento os alunos podem trabalhar de forma independente, com prévia orientação dele;

- Localizar os meios e recursos para realizações de tarefas independentes, tais como: livros, cadernos diários, gravuras, materiais para a sua observação ou manipulação e confeccioná-los se for necessário. Ter em conta que, para além da necessidade de objectivo do ensino, o trabalho independente requerer uma quantidade de meios e recursos;

- Distribuir adequadamente o tempo de aula entre as diferentes actividades a realizar e começar a anotá-las. Precisar o que vai acontecer em cada instante, que actividades serão dirigidas pelo professor, que farão entretanto os restantes alunos. Ter em conta que dentro da mesma aula, o professor deve fazer uma adequada combinação das actividades dirigidas e das actividades independentes, com uma e outra classe.

- Precisar que tarefas ou trabalho de controlo serão realizados para avaliar o cumprimento dos objectivos, para conhecer se os alunos aprenderam ou não. Lembrar que uma aula só é boa se os alunos assimilam os conhecimentos e/ou desenvolvem habilidades.

²⁴ Ver a proposta dos horários no anexo nº6.

- Prestar especial atenção às realizações das actividades que propiciem o desenvolvimento da expressão e estimulem a participação dos alunos. Exemplos: cantar, recitar, fazer jogos, excursões ao mar e zonas urbanas, etc., isto é, adequar todas as actividades às características do meio e do micro meio que envolve as crianças.

Tendo em conta a importância que tem a actividade independente no trabalho com turmas compostas, apontamos vários recursos dos quais poderá valer o professor para a sua realização:

- Trabalho com livro de textos (manuais) e com o caderno diário. O livro de texto é um dos recursos mais importantes de que pode dispor-se para a realização do trabalho independente, pelo que é necessário que o professor ensine aos alunos a sua estrutura e como fazer uso dele eficientemente.

- A utilização do quadro é outro meio de grande importância o que requer planificar a sua utilização, onde irá ficar cada coisa, que será escrita, quando será utilizado, A apresentação de exercícios no quadro de forma organizada e com distintos graus de dificuldades por cada classe, bem como a apresentação de orientações para o trabalho.

- Elaboração de fichas ou tiras de papel com orientações e exercícios para o trabalho independente, permite economizar tempo e dá facilidade de controlo da actividade.

- Apresentação de figuras, fotos e desenhos podem facilitar a realização da actividade, além de serem meios de grande valor para a observação dos conteúdos.

- Realizações de actividades dirigidas ou controladas por monitores, os quais podem ser seleccionados entre alunos destacados da mesma classe ou de uma classe mais avançada da mesma sala. Lembra que o trabalho dos monitores constitui uma ajuda para o professor, mas não pode substituir o trabalho deste. Um monitor bem orientado e controlado pelo professor resulta ser uma ajuda inestimável durante o desenvolvimento da aula.

Por último, é necessário ter em conta que a organização e distribuição dos alunos na sala, é muito importante para que a aula se desenvolva de forma eficiente, com a economia de tempo e possibilidade de atender a todos os alunos com maior eficiência. Para esta distribuição recomenda-se que o professor organize a sua sala situando os alunos do primeiro ano da fase à sua direita, os alunos do segundo ano da fase à sua esquerda. É necessário deixar espaço entre os alunos de uma e outra classe para permitir o transitar do professor²⁵.

²⁵ Ver o anexo nº 9

2.1.1. Orientação Sobre o Trabalho com Turmas Compostas

A estrutura de cada plano de aula contempla o número que o corresponde, o assunto, os objectivos e as estratégias ou actividades que devem ser desenvolvidas simultaneamente nas duas classe, quer dizer, coordenam-se actividades dirigidas (A.D.) numa classe com actividades independentes ou individual (A.I.) noutra ano da fases.

Quando as características das actividades o permitem estas (actividades) serão contempladas e será comum nas duas fases, isto é elaboração conjunta (E.C) (ex. 1^a e 2^a classe fase).

Podem ser utilizadas iniciais das palavras para indicar as actividades, os meios e as orientações na elaboração do plano de aulas.

Quando se trata dos alunos do 2º ano da primeira fase que ainda não aprenderam a ler poder-se-á dar um trabalho, comum aos alunos do 1ºano, quando se trata da aula de leitura. Esta actividade de leitura deverá ocupar sempre que possível, o 1º ou 2º tempos do horário. Isto é uma das vantagens de associação das classes da mesma fase.

Deve-se estabelecer um espaço para exercício no 1º e 2º tempo nas classes para permitir ao professor planificar actividades comuns ou em função do seu grupo, bem como actividades do jogo fora da aula.

Para as Expressões Plásticas e a Físico Motora o professor deve desenvolver (para as duas classe) actividades ajustadas que contemplam os conteúdos de ambas as classes, na medida em que, as expressões facilitam o trabalho conjunto entre as classes.

Não se deve iniciar as aulas sempre com as mesmas tarefas para que os alunos não caem na monotonia uma prática que não conduz ao desenvolvimento da competência.

2.1.2. Preparação do Professor

A característica fundamental do trabalho com turmas compostas é a de combinar nos momentos próprios a atenção directa a uma classe enquanto que a outra, com a orientação prévia do professor, realize o trabalho independente ou individual.

Para conseguir resultados na aplicação desta orientação, é necessário que o professor tenha bem preparadas e organizadas cada uma das tarefas que vai realizar com uma e outra classe.

A medida que o ano lectivo avança o professor vai adquirindo habilidade no trabalho com turmas compostas; ao mesmo tempo se comprova o aspecto positivo que o mesmo encerra, não obstante a sua complexidade. Isto porque permite que os alunos de nível inferior (ex. 1º ano) se interessem pelas tarefas mais complexas destinadas a um outro ano mais avançado (ex. 2º ano) ou no sentido inverso de retro-alimentação (revisão, consolidação) dos conhecimentos para os alunos desta classe (a mais avançada).

Este processo possibilita a estimulação da actividade cognoscitiva dos alunos, situação que o professor deve aproveitar para resolver as dificuldades que os mesmos apresentam.

Os planos de aulas elaborados recolhem as actividades fundamentais a realizar em correspondência com a metodologia particular que têm essas aulas pelo que um aspecto principal a considerar na preparação já está concebido. Compete pois, ao professor a análise cuidadosa de cada uma dessas tarefas e a elaboração dos materiais (ex.: fichas) necessários para organizar cada momento da aula.

Outra tarefa importante que se deve realizar será analisar no programa os objectivos gerais de unidade (do tema) e relacioná-los com objectivos específicos de cada aula, conseguindo o professor um maior conhecimento sobre o que deve trabalhar em cada aula, permitindo-lhe simultaneamente, compreender melhor os distintos momentos da organização da aula. O professor deve igualmente estudar as orientações metodológicas para conhecer como deve enquadrar o conteúdo que vai dar e as recomendações dos meios que deve utilizar.

2.1.2.1. Preparação do Plano de Aula

É do nosso conhecimento que o trabalho pode ser manual ou intelectual, simples ou complexo, mas de qualquer forma requer a definição do seu fim, do objectivo que se pretende alcançar, bem como a preparação prévia para a sua realização.

O trabalho do professor é um trabalho complexo e de muita responsabilidade já que ele deve transmitir conhecimentos, desenvolver capacidades e formar personalidades úteis à sociedade.

O professor, para o desenvolvimento do seu trabalho, tem que definir claramente os objectivos de cada aula, os métodos que utilizará para transmitir os conhecimentos, as actividades a serem realizadas por ele e pelos alunos, os meios de ensino para objectivar a aula, os momentos de avaliação, as características individuais dos alunos, a relação interdisciplinar e a aplicação prática dos conhecimentos.

Como vemos, o desenvolvimento de uma aula é tarefa complexa pelo que requer uma planificação consciente, ou seja elaboração de plano de aula.

Entretanto, convém determo-nos um pouco na análise do conceito Planificar. Entendemos por planificar, a acto de antecipar a forma de alcançar a solução de um problema ou realizar um propósito, bem como a previsão dos resultados.

Planificar implica a definição prévia dos objectivos a alcançar e requer projectar a nossa atenção em direcção ao futuro. Portanto, a planificação compreende tanto projectar o que propomos alcançar, como os meios e forma como pretendemos alcançar o projectado.

A preparação da aula constitui uma etapa fundamental do trabalho do professor, na qual se manifesta a sua preparação científica e pedagógica, a sua criatividade, o sentido de responsabilidade, a sua habilidade para estruturá-la, tomando como base os requisitos que deve reunir uma aula e as características dos grupos dos alunos.

Na preparação de uma aula, podemos distinguir dois momentos a saber:

- a) Preparação das condições prévias;
- b) Preparação directa da aula.

A preparação das condições prévias vai facilitar o êxito do ensino, pois, constitui o ponto de partida para o desencadeamento do processo de ensino/aprendizagem.

As condições prévias contemplam o seguinte:

- Os conhecimentos que os alunos têm, que servirão de base para a aquisição de novos conhecimentos.

- A preparação do professor para a aula, ou seja, familiarizar-se profundamente com o programa, literatura metodológica e pedagógica, seleccionar os factos, os exemplos, métodos e meios auxiliares.

- A preparação das condições da turma para o início da aula (controlar as presenças, organizar o quadro e outros materiais didácticos).

A preparação directa da aula começa com a planificação em que o professor deve procurar responder às perguntas tais como:

- Em que aspecto da aula anterior vou me apoiar?
- Que novos elementos acrescentarei aos anteriormente fixados?
- Como dar continuidade aos conhecimentos adquiridos na aula anterior?
- Que devo fazer para preparar o terreno para as futuras sementeiras de conhecimento de modo a obter a grande colheita pedagógica futura?

2.1.2.1.1- Desenvolvimento do Trabalho Independente

A actividade independente tem um grande valor didáctico e educativo. Por isso constitui um objectivo da educação, conseguir nos alunos o desenvolvimento da capacidade da actividade independente. Todavia nas aulas que se dão nas turmas compostas o objectivo acima referido adquire um significado maior.

Isto não significa que se considera o trabalho independente (Actividades independentes) somente do ponto de vista da oportunidade de atender a uma ou outra classe, mas também como uma necessidade de ensinar aos alunos a reflectir ou aplicar conhecimentos ou desenvolver habilidades, ou aplicar conhecimentos já adquiridos, desenvolver a capacidade de observar, de analisar, de esforçar-se para cumprir com uma tarefa previamente estipulada. Por outro lado, é importante destacar que para a realização do trabalho independente o professor deve indicar com precisão o que se deve fazer e reforçar para alguns alunos os passos que devem seguir para realizar actividades, quando as suas características e ritmo de aprendizagem assim o exigem.

O trabalho independente como sistema para alcançar a independência cognitiva dos alunos deve cumprir os seguintes requisitos:

- A existência de uma tarefa atribuída pelo professor e um tempo razoável para que os alunos possam solucioná-la.
- A necessidade de um esforço mental dos alunos para a sua realização correcta.

- O trabalho independente dos alunos, só existe quando estes podem coordenar correctamente a tarefa e o método ou os procedimentos de solução, aplicar os conhecimentos e capacidades que possuem e resolver a problemática que se lhes propõe.

Na realização do trabalho independente temos que ter as tarefas e a organização.

Segundo Nerici Imideo as tarefas que formam um sistema de trabalho independente podem caracterizar-se da seguinte forma:

- Tarefa didáctica;
- Estrutura da actividade cognoscitiva;
- Fontes de conhecimentos.

Em qualquer sistema do trabalho independente, podem e devem ser integrados tarefas dos três tipos para alcançar os objectivos que nos propusemos.

Quando se tomam as tarefas (ou funções) didácticas como centro de trabalho independente, estamos referindo-nos à direcção que deve assumir uma aplicação. Estas direcções são três:

- Estudo de um novo conteúdo;
- Aplicação e desenvolvimento de conhecimento, habilidades e capacidade;
- Compreensão de conhecimento, habilidades e capacidades.

Tomar em conta a estrutura da actividade cognoscitiva significa reconhecer o carácter que deve assumir a actividade cognoscitiva dos alunos, quer dizer a sua relação com o conteúdo. Estes trabalhos independentes podem ser: reprodutivo, produtivo e criadores.

Quando se toma como aspecto essencial a fonte de conhecimentos, se está fazendo referência ao carácter da sua organização, à volta do material que se propõe para uma realização. Daí que os trabalhos independentes podem ser:

- Oraís;
- Experimentais;
- Derivadas de observação.

Ainda o mesmo autor diz que o trabalho independente pode ser organizado à semelhança das formas organizativas conhecidas da aula a saber:

- Frontal
- Em Grupo
- Individual

Em qualquer dessas formas, os alunos sentem a necessidade de realizarem um esforço individual determinando para resolverem o problema cognoscitivo dado pela

tarefa proposta. Assim estabelece-se uma unidade entre a actividade cognoscitiva independente dos alunos manifestada durante a realização do trabalho independente e o tratamento individual da sua direcção.

A actividade independente constitui um caminho fundamental para a formação da individualidade criativa do aluno.

O tratamento individual contribui significativamente na formação da independência cognoscitiva.

Durante a realização do trabalho pelos alunos, a partir de qualquer das formas atrás mencionadas pelo autor, o professor pode fazer uma activa função de observação do trabalho, e ficar atento para atender às possíveis dificuldades que apresenta cada um deles, procurando sempre não limitar uma independência. Esta possibilidade que se apresenta ao professor permite dar uma atenção mais directa aos seus alunos, o que com efeito é um elemento positivo que brinda o trabalho independente para complementar o princípio da atenção às diferenças individuais no processo docente. Contudo, ele não resolve totalmente o problema, pois atender às diferenças individuais não é simplesmente poder dar ajuda que num dado momento precisa um aluno, geralmente os de fraco aproveitamento, mas também propiciar, de forma harmoniosa as possibilidades de manifestação do desenvolvimento alcançado e ao mesmo tempo, a intensificação do ritmo do trabalho.

Este objecto pode ser alcançado durante a aplicação do trabalho independente, quando na aula se atendem as peculiaridades dos alunos, de maneira que se possibilite conhecer tarefas especialmente elaboradas, atendendo às possibilidades reais de solução da mesma.

Podemos diferenciar os alunos de uma sala de aula segundo o grau de assimilação dos mesmos, em três tipos: de baixo aproveitamento, de aproveitamento médio e de alto aproveitamento.

As tarefas duplas e diferenciadas contribuem para resolver o problema de atenção de diferentes tipos de alunos. Ajudam ainda a desenvolver o intelecto dos estudantes de baixo aproveitamento e ao mesmo tempo os estimula na sua aprendizagem. A tarefa é dada de forma geral para todos os alunos; para os de baixo aproveitamento, uma tarefa ou exercício mais simples.

Exemplo de «Tarefa Dupla»

- Matemática

a) Pode-se determinar o perímetro de um triângulo equilátero conhecendo a longitude de um lado somente? Fundamenta a tua resposta.

Esta pergunta apresenta uma situação de problema, mas pode ser realizada, em forma dupla, formulando, primeiro, uma mais simples cuja resposta é fundamental.

b) Como são os lados de um triângulo equilátero?

Para responder a esta pergunta, o professor pode orientar o estudo da unidade de triângulo que se desenvolve na disciplina de matemática a fim de que o aluno chegue à conclusão importante de que «em todo o triângulo equilátero, os três lados são iguais».

As tarefas diferenciadas caracterizam-se por tratar aspectos semelhantes de um mesmo tema com diferentes graus de complexidade. Estas podem ser perguntas, exercícios ou problemas.

A elaboração das tarefas diferenciadas parte do reconhecimento dos diferentes níveis de complexidade da actividade cognoscitiva do aluno, durante o tratamento de um mesmo conteúdo de estudo e ao mesmo tempo, da consideração de uma determinada tipologia para os alunos que integram cada grupo docente. Assim, para cada tipo de aluno, corresponde uma tarefa diferente, quer dizer, uma tarefa diferenciada.

Isto permite dar um tratamento mais específico aos integrantes do grupo.

Traçar tarefas diferenciadas permite alcançar os mesmos objectivos estabelecidos por planos e programas de estudos; a diferença radica na via ou caminho que se segue para estes fins. Assim, por exemplo, no caso dos alunos de baixo rendimento os exercícios ou problemas que recolhem a tarefa, oferecem, todos os elementos necessários para a sua solução e pela forma da sua apresentação não resultam complexos. Todo o contrário ocorrerá no caso dos alunos de alto rendimento, onde estes objectivos se alcançam vencendo situações mais complexas, tanto no que se refere ao método de solução, como a sua apresentação. Com efeito, esta peculiaridade de delinear tarefas diferenciadas supõe o mesmo nível de exigência ao avaliar os objectivos que lhe correspondem mas garantindo que cada aluno se desenvolva, de acordo com as suas possibilidades reais e ao mesmo tempo, propiciando o desenvolvimento posterior das suas capacidades cognoscitivas.

CAPITULO III

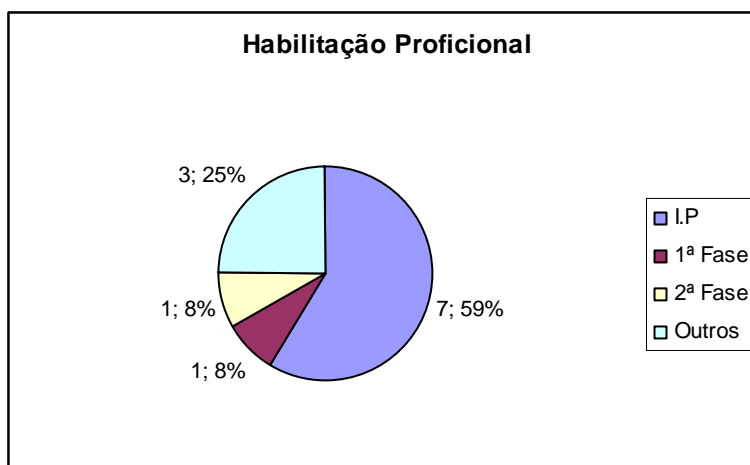
3- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

O nosso estudo empírico incidiu-se basicamente nos questionários e entrevista dirigidos aos professores do Ensino Básico, sendo eles um dos principais intervenientes no processo ensino/ aprendizagem.

Todavia, após a realização de entrevista e da recolha dos questionários procedeu-se a análise dos mesmos, privilegiando-se sobretudo os indicadores que melhor condiz com os factores que corroboram para o sucesso e insucesso da aprendizagem nas turmas compostas no Ensino Básico. Assim, por questão metodológica, apresentamos os resultados seguidos das suas leituras e análises, estando alguns apresentados em gráficos com perguntas fechadas, e outras com perguntas abertas que requeira uma análise diferente.

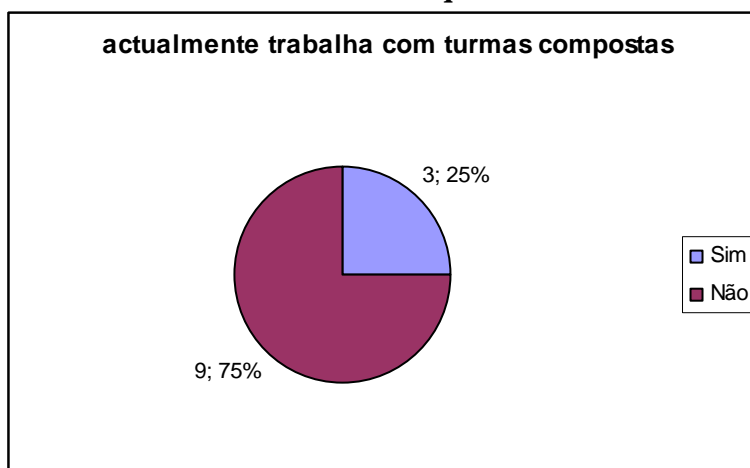
3.1-Representação dos questionários aos professores

Gráfico nº 1:Habilitação Profissional dos professores/docentes



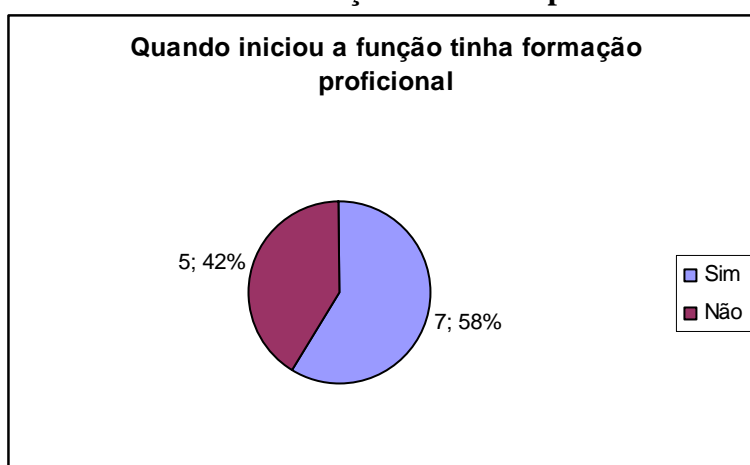
De acordo com o gráfico 1 (um), pode-se verificar que 59% dos inquiridos são professores com Formação do Instituto Pedagógico, 8% com primeira e segunda fase respectivamente do curso FEPROF (formação em exercício de professores) e 25% correspondente a outras formações. Isso revela um bom nível profissional do público-alvo.

Gráfico nº 2: Turmas que leccionam



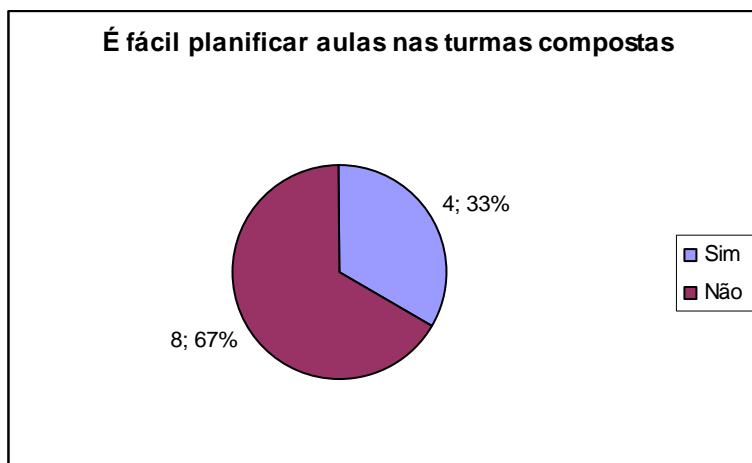
O gráfico nº 2 apresentado mostra a quem foi aplicado os questionários, isto é, foi dirigido a professores que estão a leccionar em turmas compostas correspondente a 75%, ou que já tinham leccionado nessa modalidade de turma ficando nos 25%.

Gráfico nº 3: Formação inicial dos professores



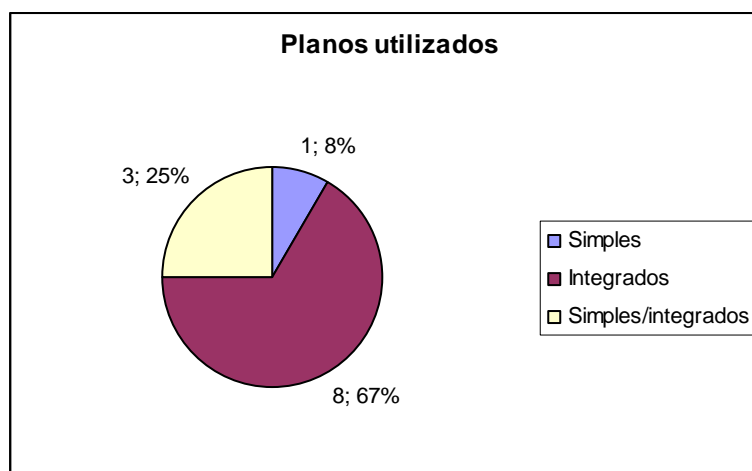
Analisando o gráfico podemos observar que 58% dos professores inquiridos já tinham a formação na docência quando iniciaram as suas funções, contrapondo os 42% que iniciaram as suas funções sem formação.

Gráfico nº 4: Planificação das aulas das/para turmas compostas

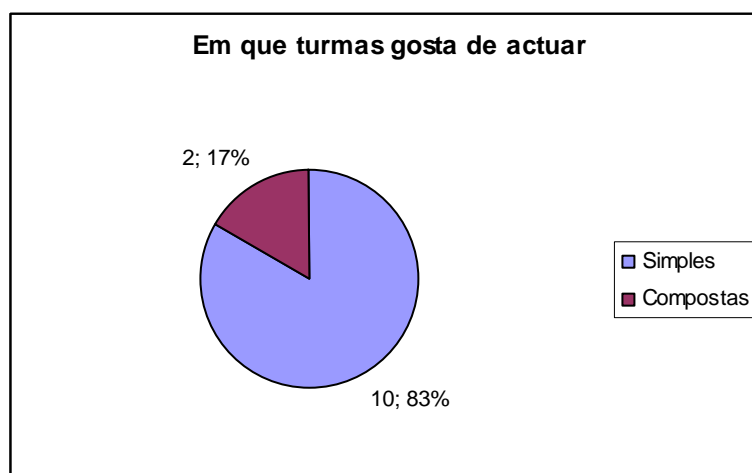


Segundo os dados deste gráfico nº4, nota-se que a maioria dos inquiridos tem dificuldades em planificar aulas para turmas compostas, isto é 67% responderam negativamente à pergunta contra apenas 33% que responderam positivamente.

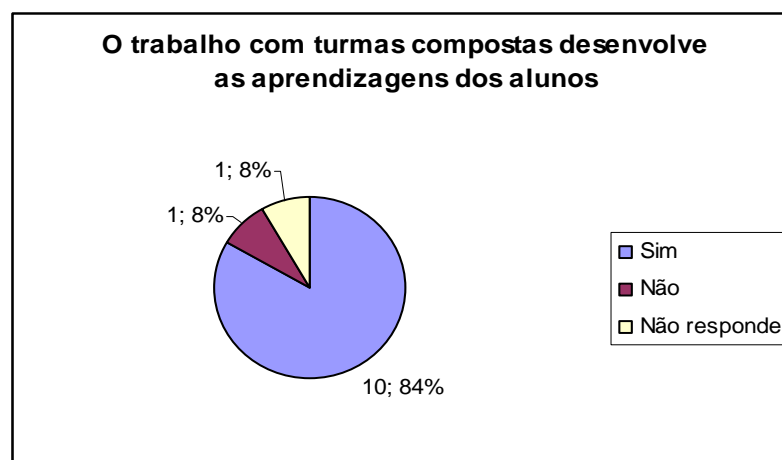
Gráfico nº 5: Plano de aula utilizado para leccionar.



Da interpretação do gráfico podemos concluir que 67% dos professores utilizam planos integrados, 25% trabalham com plano simples/integrado e só 8% ainda prefere o plano simples.

Gráfico nº 6: Preferência das turmas para actuação dos professores

Questionando sobre a preferência das turmas para a leccionação apenas 2 (dois) responderam, que gostam de leccionar turmas compostas correspondendo a 17% contra 83% que preferem turmas simples.

Gráfico nº 7: Aproveitamento dos alunos nas turmas compostas

Ilustrando essa questão o gráfico mostra-nos que a maioria dos professores acha que o trabalho com turmas compostas, desenvolve as aprendizagens dos alunos, só apenas 8% não respondeu e a mesma percentagem acha que não desenvolve as aprendizagens.

Dando continuidade a interpretação dos questionários aplicados podemos constatar que 75% dos professores traçam uniformemente os objectivos para as duas classes isto é, se o aluno interpreta um texto numa classe é aplicado o mesmo objectivo na outra classe, cada uma com o seu nível de interpretação, enquanto que os 25% apesar de se tratar da mesma disciplina preferem que os objectivos sejam diferentes.

Respondendo a questão de como traçar estratégias para leccionar em turmas compostas, impera quase a unanimidade das respostas que incluem o estudo individual, elaboração conjunta, trabalhos de grupos e independente com a excepção de três professores que não mencionaram o trabalho independente.

Tendo em conta que o aluno aprende manipulando, visualizando e brincando, o uso dos materiais didácticos facilitam as tarefas pedagógicas de ensinar. Sendo assim todas as respostas dos questionário sobre a exploração dos materiais didácticos defendem o seu uso para as duas classes em momentos distintos a fim de evitar a distração de uma ou de outra classe.

Na leccionação de turmas compostas o tempo é um dos maiores problemas dos docentes, daí que todos são unânimes em afirmar que é insuficiente e que devemos planificar as aulas cuidadosamente de modo que não haja o desperdício do mesmo.

No que diz respeito a motivação, 80% das respostas incluem pequenas fábulas e canções que serão comentadas ao longo da aula, os restantes 20% dizem que a motivação se faz de acordo com o contexto da aula.

Para a avaliação, 83% dos professores realizam a avaliação contínua ao longo da aula através das perguntas e respostas, apenas 17% realiza a avaliação no final de cada aula com exercícios escritos na sala ou através do trabalho de casa.

3.2. Análise de Entrevista

De todos os relatos de experiências dos testemunhos, um facto curioso é do Senhor Apolinário Sanches²⁶, um professor, um símbolo de persistência às turmas compostas, 32 anos de serviços numa escola em que foi o berço da sua actividade docente e de certeza vai ser o seu único espaço onde transmitiu conhecimento e experiência da vida.

Iniciou as suas funções no ano lectivo 1972/73 na escola de Mosquito de Horta na Freguesia de S. João Baptista do município da Ribeira Grande de Santiago, uma zona isolada, que já foi no passado um potencial na agricultura e pecuária, contrariando o presente campo de pedras varridas pelo vento e esquecida pela chuva. Trabalhou com uma turma de pré-primária²⁷ e 1ª classe da época colonial apenas um ano. Durante 12 (doze) anos trabalhou solitário, sendo 11 (onze) com 4 (quatro) classes de 1ª a 4ª do Ensino Primário e os restantes anos trabalhou com duas classes nomeadamente da 1ª e 2ª fase do Ensino Básico Integrado. Só trabalhou com esses níveis de ensino visto que o isolamento condicionou o seu estudo académico ficando somente com a primeira fase de formação em exercício. Na sua experiência em turmas compostas, relatou-nos que gostaria de trabalhar com turmas simples mas que o seu destino é mesmo turmas compostas, por isso é mesmo difícil fazer qualquer comparação. No que diz respeito aos métodos e às técnicas do trabalho em turmas compostas, referiu-nos que depende em grande parte do professor, da característica da turma e dos alunos em particular e que devemos partir sempre dos conhecimentos que os alunos trazem de casa para alcançar outros objectivos. Respondendo a questão se tem dificuldade em trabalhar com turmas compostas, respondeu-nos que numa escola em que vigora sempre turmas compostas não é muito difícil leccionar, na medida em que a comunidade transmite os conhecimentos informais de pais para os filhos. No que diz respeito aos planos das aulas, planifica as suas aulas separadamente isto é, utiliza dois planos simples, um para cada classe com disciplinas alternadas.

Para os professores que trabalham com turmas compostas, o entrevistado disse-nos que devem exigir do Ministério da Educação programas especiais com supervisores formados para colmatar o vazio e o pessimismo que reina nesta modalidade de turma.

Apesar do entrevistado caminhar-se para a reforma, deixámos nas sugestões e recomendações algumas orientações que poderão servi-lo no seu desempenho como

²⁶ Anexo figura nº1

²⁷ Uma classe que persistiu um ano após a independência de Cabo Verde

professor ou mesmo na sua actividade quotidiana caso é confrontado com a situação do tipo.

3.3- O ACOMPANHAMENTO/OBSERVAÇÃO DE AULAS COM TURMAS COMPOSTAS

Para uma melhor entendimento da temática em estudo, optámos por fazer a observação de algumas aulas realizadas em turmas compostas. Assim escolhemos uma aula de Ciências Integradas que passamos de seguida a descrever. De salientar que a descrição centrou-se apenas nos aspectos que achamos relevantes para o tema.

3.3.1. Observação de Uma Aula de Ciências Integradas e de Expressão Plástica Numa Sala de Aula Composta

Optamos por observar uma aula de Ciências Integradas de uma turma composta, e foi uma aula da 1ª fase, constituída por 23 alunos, sendo 5 do 1º ano e 18 do 2º ano. Verificamos que o professor tinha plano de aula, e tivemos acesso aos objectivos do mesmo corresponde à aula a ser observada. Verificamos que o professor atende bem os seus alunos na sala, mas não circula para o fundo da sala, fica sempre à frente, movimentando-se de um canto para outro.

A disposição dos alunos permite a interacção com os colegas pois, os alunos do 1º ano estão à frente e os do 2º ano em filas/grupos. Os alunos tem bom comportamento na sala, falam português sem o professor insistir, isto mostra que estão habituados a falar português na sala. O conteúdo da aula estava relacionado com as atitudes de respeito pela natureza, aula essa programada para as duas classes. O professor introduziu a aula com uma canção e depois fez perguntas relacionadas com a mesma de modo a entrar no assunto da aula. Durante a aula um aluno do 1º ano dormiu na sala. No entanto pudemos perceber que o professor tem vindo a desenvolver uma atmosfera de respeito mútuo, porque quando chamou o aluno que estava a dormir os colegas perceberam a situação mas não riram do colega, o que às vezes acontece.

Os alunos do 1º ano não tinham tarefa, isto é, não participavam na aula, com excepção de uma aluna que tinha todo o seu interesse na aula. Participava muito, com lógica e falava em português ao seu nível. No entanto o professor procurava estimular a participação dos alunos permitindo aos mesmos apresentarem as suas ideias.

Depois da aula introduzida, o professor sugeriu que os alunos do 2º ano abrissem o manual da referida disciplina na página 84/85, sendo que, os alunos do 1º ano não têm manual, fez-se exploração de um pequeno cartaz.

Seguidamente o professor mandou ler a seguinte frase no livro: “*Devemos respeitar a natureza*” enquanto isso os alunos do fundo liam sem olhar para o livro.

Como conclusão da aula, os alunos deviam dizer quais as atitudes de respeito pela natureza, que aprenderam na aula, e o professor registava no quadro. Enquanto o professor escrevia no quadro as atitudes de respeito pela natureza, observamos que os alunos também copiavam no caderno ao mesmo tempo.

Atitudes de respeito pela natureza

- ⇒ Cuidar do lixo, isto é colocar o lixo no lugar apropriado;
- ⇒ Fazer plantação de árvores;
- ⇒ Não sujar paredes ou quaisquer outros lugares;
- ⇒ Não desperdiçar a água.

Seguidamente passou-se para a aula de Expressão Plástica, em que tinha como objectivo, levar os alunos a ilustrarem as atitudes de respeito pela natureza, registando no caderno diário as suas ideias de uma forma conjunta.

Relativamente aos cadernos dos alunos, pudemos constatar que, 3 alunos do fundo da sala e do lado esquerdo, do 2º ano, têm dificuldades na escrita, sendo que uma escreve mais devagar que os outros alunos do 1º ano. Com efeito, sobre esta situação o professor da referida turma disse que, esses alunos são repetentes o que justifica eles estarem tão longe, e são eles que têm maiores dificuldades na turma. O professor sustentou que eles são mais velhos por isso ficaram sentados atrás, caso contrário iriam impedir que os outros colegas pudessem visualizar o quadro negro.

3.3.1.1- COMENTÁRIO DAS OBSERVAÇÕES DAS AULAS ASSISTIDAS

Neste ponto, gostaríamos de deixar algumas sugestões, que advêm da nossa experiência como professor do Ensino Básico. Começaríamos com a estrutura do plano de aula, que de uma forma geral apresentava os itens necessários para a sua aplicação, isto é continha identificação da aula em que podemos observar a data, classe e conteúdo. A

seguir a identificação constatamos os objectivos da aula, os meios auxiliares e as actividades descritas.

O professor devia descrever as actividades a serem realizadas no plano, por ele e pelos alunos o que não era o caso, as actividades estavam direccionadas mais para os alunos em cada uma das fases da aula, ou seja, a fase inicial ou de motivação, a fase central ou de desenvolvimento e a fase final ou conclusão.

Na fase inicial ou de motivação o professor procura predispor os alunos para os trabalhos que vão ser realizados, neste caso o professor assistido motivou a aula com uma canção que foi só na fase inicial, o que leva muitas vezes à desmotivação de alguns alunos como é o caso de um aluno que adormeceu na sala. A motivação deve ser contínua para que tenhamos uma aula bem sucedida.

Na fase do desenvolvimento em que o professor deve ter em conta de que se trata de um momento da aula muito importante, já que se vai transmitir conhecimentos aos seus alunos, o professor com quem trabalhamos fez a interpretação da canção, de um pequeno cartaz e do manual dos alunos, mas direccionada para os alunos do 2º ano o que no nosso ponto de vista devia criar situações problemáticas com perguntas direccionadas para ambas as classes o que facilitaria de forma significativa a assimilação dos conhecimentos.

A fase final da aula que deve ser feita com a participação dos alunos, e deve estar em correspondência com os objectivos propostos, merece alguns reparos. Os alunos deviam esperar o professor terminar de escrever, fazer a leitura e só depois copiar no caderno.

Como sugestão achamos que o professor devia passar o trabalho de casa para os alunos que é uma das formas de consolidar os conteúdos individualmente e que devia explorar mais o conteúdo a fim de abordar os aspectos ligados à cidadania.

CONCLUSÃO

A partir do trabalho realizado podemos constatar que a diversidade na sala de aula, tem vindo a ser considerado um tema importante no desenvolvimento do sistema educativo. Quer através de teorias apresentadas, quer através do estudo realizado, bem como através da observação na sala de aula, podemos constatar que apesar da pouca motivação para leccionar turmas compostas, os professores estão preocupados com a diversidade que existe na sala de aula, procurando na medida do possível, proporcionar melhores estratégias e políticas, com vista ao sucesso de todos.

Se por um lado a motivação é baixa, por outro lado ganhamos com o nível de formação dos professores, que ao analisar o gráfico nº 3 ficamos bastante satisfeito com os resultados encontrados, na medida em que houve uma melhoria no sistema educativo nos últimos anos, contrariando a prática bem conhecida de que as turmas compostas são para os professores sem experiência na docência e sem qualquer formação pedagógica.

Na leccionação de turmas compostas, segundo os resultados encontrados a planificação não é uma tarefa fácil, mas podemos afirmar que é uma etapa essencial do trabalho do professor, na qual exterioriza a sua preparação científica e pedagógica, traçando objectivos que constituem o ponto de partida de todo o processo educativo. Falando na planificação não podemos omitir do tempo, que cem por cento da nossa população questionada acham insuficiente, mas uma coisa temos a certeza, não podemos multiplica-lo e nem recebe-lo por empréstimo, sendo assim resta-nos duas alternativas, rentabiliza-lo ou desperdiça-lo. Para os professores que trabalham com turmas compostas

cabe-lhes a primeira alternativa, ter a consciência e capacidade para gerir o tempo que lhes são permitido isto é com o máximo da eficiência e eficácia. Deste modo o professor organiza o seu trabalho de acordo com as classes e as características do meio e do micro meio onde o aluno está inserido. Conhecendo a realidade do aluno, o professor escolhe as técnicas de motivação que é um factor decisivo no processo da aprendizagem, visto que estabelecem um vínculo entre o que o professor pretende que o aluno realize e o interesse deste.

Analisando os questionários da nossa população alvo, podemos concluir que o trabalho com turmas compostas, desenvolve a aprendizagem dos alunos, na medida em que a autonomia dos alunos na sala de aula desenvolve a capacidade intelectual de ler, escrever, contar, utilizar os documentos ou os materiais habituais do trabalho exigido pelas diferentes disciplinas escolares, sem dependência dos professores. Uma das metodologias mais recomendadas num trabalho autónomo são o trabalho independente e o estudo individual, visto que desenvolvem nos alunos a capacidade de observar, de analisar, de cumprir com uma tarefa previamente estipulada pelo professor.

Assim após o término deste trabalho científico, constatamos que as turmas compostas já tiveram no passado o seu auge, mas que com o desenvolvimento sociocultural do país e não só, houve um declínio, até quase ao seu desaparecimento. Mas, em algumas zonas ditas isoladas, essa prática persistiu até ao presente momento, juntando assim, as outras que vão aparecendo devido ao êxodo rural e a diminuição da taxa de natalidade os principais factores que influenciam o aparecimento das turmas compostas. Assim sendo podemos afirmar com os dados recolhidos do Ministério da Educação, que nos últimos anos temos uma média de 7 a 8% correspondente a 227 (duzentos e vinte e sete) turmas compostas num universo de 3196 (três mil cento e noventa e seis) turmas em cada ano lectivo, com maior incidência nas ilhas de Barlavento.

Os números elevados de turmas compostas nas ilhas do Barlavento justificam pelas condições em que mencionamos, visto que as ilhas de Barlavento com excepção de S. Vicente, são as que mais sofreram com efeitos da emigração a nível interno e externo.

Cabo Verde, um país formado por ilhas, onde o fenómeno da emigração é um problema incontornável desde a sua descoberta, vai ganhando mais forças com alterações climáticas, visto que estamos a passar por um período crítico com falta da chuva. Isto deixa-nos apreensivos com o aparecimento de muitas turmas compostas nos próximos anos, o que exige um acréscimo de responsabilidade por parte dos agentes educativos.

Assim sendo as instituições de formação de professores sobretudo do Ensino Básico, têm que pensar numa nova metodologia de formação, em que as turmas compostas devem fazer parte do currículo, para que os alunos saiam com um conhecimento ajuizado, de algumas metodologias e técnicas, para trabalhar com esse tipo de turma, evitando o desconhecimento e o medo que reina à volta das mesmas.

Limitações

As dificuldades encontradas na elaboração deste trabalho monográfico prendiam-se, sobretudo em encontrar bibliografias específicas que retratam o tema em referência, assim como dificuldades em encontrar uma população à altura do tema em questão.

De resto, em se tratando de um tema original, em que muitos agentes educativos estão desprovidos de conhecimentos, confrontamos naturalmente com algumas hesitações no decorrer das nossas reflexões perante tratamento de alguns itens. Queríamos dialogar também com professores que nunca passaram por turmas compostas, mas isso não foi possível na medida em que apresentaram como justificativo a inexperiência total na matéria.

Recomendações/Sugestões

A escola como instância de socialização e apropriada para assegurar finalidades sociais e éticas na formação dos recursos humanos com que o país contará, assume um papel determinante na formação de cidadãos num contexto de participação democrática e consciente na vida pública e privada.

As propostas que aqui vamos apresentar, se consideradas, por parte dos professores, e de mais agentes educativos, poderão contribuir para melhoria da qualidade de serviço prestado pelos mesmos. Cabe-lhe hierarquizá-las em função das suas necessidades.

Deste modo:

- O Ministério da Educação deve planificar cuidadosamente acções que visam a inovação e melhoria da qualidade de ensino nas turmas compostas e dotadas de meios económicos, materiais e humanos indispensáveis para que ela possa ser eficaz;
- Elaborar um projecto educativo a partir do diagnóstico feito nas turmas compostas fomentado numa ampla discussão a nível dos concelhos e dos pólos educativos;
- Associar anos da mesma fase.

Os Coordenadores Pedagógicos deverão adoptar um estilo de supervisão colaborativo estimulando os professores para a auto-reflexão/auto-avaliação das suas práticas propondo seminários de capacitação.

Na gestão dos pólos educativos os gestores deverão também analisar as características gerais dos alunos (idade, fase do desenvolvimento intelectual, aspectos socioculturais, económicos etc.), afim de formar turmas homogéneas.

Os Professores devem identificar os conteúdos que permitem uma abordagem interdisciplinar, apontando, diversificando e diferenciando as estratégias a serem aplicadas. Ainda coube a eles distribuir o tempo disponível para cada unidade do ensino, priorizando as actividades iniciais que constituem os pré-requisitos para que depois estes se progridam rapidamente.

Com este trabalho pensamos ter respondido à nossa pergunta de partida apontando os principais aspectos que podem influenciar a qualidade de ensino nas turmas compostas e que devem ser melhorados.

Não temos a pretensão de oferecer todas as respostas e nem podemos dá-las, esperamos sim que este trabalho ajude cada um a reencontrar ou reconstruir o seu próprio caminho neste novo paradigma do ensino num mundo cada vez mais complexo em todos os domínios, económico, social, político e cultural.

BIBLIOGRAFIA

ALTET, Marguerite. **Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas**. Portugal. Porto Editora. 2000.

AFONSO, Maria Manuela. Educação e Classes Sociais em Cabo Verde.

ARENDS, Richard J. (1995). **Aprender a Ensinar**. Amadora. Editora MCGRAW-HILL.

ARÉNILA, Louis e outros. **Dicionário de Pedagogia**. Lisboa. 2000.

CABANAS, José Maria Quintana. **Teoria da Educação: Conceção Antinómica da Educação**. Porto. Edições ASA. 2002.

CARVALHO, Adriana. **Ensino Básico Integrado – Instituto Pedagógico – caderno 2**. Mindelo. Gráfica do Mindelo. 1998.

DELORS, Jacques e tal. **Educação um Tesouro a Descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre a Educação Para o séc. XX**. Lisboa, Edições ASA. 1996.

FOSNOT, Catherine Twomey. **Construtivismo e Educação – Teoria, Perspectiva e Prática**. Lisboa. Instituto Piaget. 1996.

HÉBERT, Michelle Lessard. **Pesquisa em Educação**. Lisboa Instituto. Piaget. 1996.

LAMAS, Estela (coord.) et al. **Contributos para uma Metodologia Científica mais Cuidada**. Lisboa. Instituto Piaget. 2001.

MARQUES, Ramiro. **Dicionário Breve de Pedagogia**. Lisboa. Editorial Presença. 2000.

NERICI, G. Imideo. **Introdução à Didáctica Geral**. . Rio de Janeiro. Editora Científica.

PIAGET, Jean. **Pedagogia**. Lisboa. Instituto Piaget. 1998.

PUJOLAS, Pere. **Atención a la Diversidad y Aprendizaje Cooperativo en la Educación Obligatoria**. 2001.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 3ª edição. Lisboa. 2003.

RESENDES, Lúcia Grave e SOARES, Júlia. **Diferenciação pedagógica**. Lisboa. Editora. 2002.

ROEGIERS, Xavier & de KETELE Jean-Marie. **Uma pedagogia da integração: competências e aquisições no ensino**; trad, Carolina Huang. Porto Alegre. 2ª edição (2004)

VARELA, Bartolomeu L. **Manual de Planeamento e Gestão de Instituição Educativa**. Praia. ISE. 2004.

XIPAS, Constain. **Piaget e a educação**. Lisboa. Instituto Piaget. 1997.

Outras Referencias

_____ **Lei de base do sistema educativo Cabo-verdiano**. Decreto-Lei n.º 78/94 de 27 de Dezembro.

Sitografia

CONCEITO DE ENSINO [em linha], disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ensino>> [consultado em 07/08/2007].

CONCEITO DE APRENDIZAGEM [em linha], disponível em <<http://www2.dce.ua.pt/caipi/apoioaulas/teoriasAprendizagem.pdf>> [consultado em 7/8/2007].

O TERMO EDUCAÇÃO MULTINÍVEL [em linha], disponível em <<http://www.nemed-network.org/>> [consultado em 7/08/2007].

<<http://www.crescereaprender.com.br/Escola/pedagogia.htm>> [consultado em 7/08/2007].

Anexos

Anexo 1

Quadros de questões recolhidas juntos dos professores.

Quadro nº1 – sexo

Sexo	Frequência	%
Masculino	10	83
Feminino	2	17
Total	12	100

Quadro nº 2 – Formação profissional

Formação Profissional	Frequência	%
Instituto Pedagógico	7	59
Magistério Primário	0	0
Segunda Fase	1	8
Primeira Fase	1	8
Licenciatura	0	0
Bacharelato	3	25
Total	12	100

Quadro nº 3 -Turmas que leccionam

Turmas	Frequência	%
Simples	3	25
Compostas	9	75
Total	12	100

Quadro nº4 – Preferências de turmas

Turmas	Frequência	%
Simples	10	83
Compostas	2	17
Total	12	100

Quadro nº5 – Planificação das aulas

Plano de aula	Frequência	%
Simples	1	8
Integrado	8	67
Simples/integrado	3	25
Total	12	100

Quadro nº6 – Tempo de serviço

Intervalo de tempo	Frequência	%
1 a 5 anos	3	25
6 a 11 anos	3	25
12 a 17 anos	5	42
18 a 23 anos	1	8
Total	12	100

Anexo nº 2-Quadro estatístico das turmas compostas ao longo dos quatro anos

Quadro nº7 – Ano lectivo 2003/04

Grupo	Ilha	Concelho	Nº de turmas	Total das ilhas
Sotavento	Brava		10	10
	Fogo	S. Filipe	12	13
		Mosteiro	1	
	Santiago	Praia	17	72
		São Domingos	17	
		S. Catarina	6	
		S. Cruz	11	
		São Miguel	0	
		Tarrafal	21	
	Maio		12	12
Total			107	107
Barlavento	Boa-Vista		15	15
	Sal		3	3
	S.Nicolau		29	29
	S.Vicente		16	16
	Santo Antão	R. Grande	20	64
		Porto Novo	39	
		Paul	5	
Total			127	127
Total				234

Subsídios para Trabalho com Turmas Compostas

Quadro nº8 – Ano lectivo 2004/05

Grupo	Ilha	Concelho	Nº de turmas	Total das ilhas
Sotavento	Brava		11	11
	Fogo	S. Filipe	11	12
		Mosteiro	1	
	Santiago	Praia	13	70
		São Domingos	17	
		S. Catarina	8	
		S. Cruz	9	
		São Miguel	0	
		Tarrafal	23	
	Maio		13	13
Total			106	106
Barlavento	Boa-Vista		15	15
	Sal		3	3
	S.Nicolau		33	33
	S.Vicente		16	16
	Santo Antão	R. Grande	17	59
		Porto Novo	39	
		Paul	3	
Total			126	126
Total				232

Quadro nº 9 – Ano lectivo 2005/06

Grupo	Ilha	Concelho	Nº de turmas	Total das ilhas
Sotavento	Brava		9	9
	Fogo	S. Filipe	10	11
		Mosteiro	1	
	Santiago	Praia	15	69
		São Domingos	13	
		S. Catarina	10	
		S. Cruz	8	
		São Miguel	0	
		Tarrafal	23	
	Maio		15	15
Total				104
Barlavento	Boa-Vista		14	14
	Sal		3	3
	S.Nicolau		32	32
	S.Vicente		13	13
	Santo Antão	R. Grande	19	61
		Porto Novo	40	
		Paul	2	
Total				123
Total				227

Quadro nº 10 – Ano lectivo 2006/07

Grupo	Ilha	Concelho	Nº de turmas	Total das ilhas
Sotavento	Brava		14	14
	Fogo	S. Filipe	6	14
		Mosteiro	1	
		S Catarina	7	
	Santiago	Praia	7	75
		Ribeira G.	9	
		São Domingos	13	
		S. Catarina	10	
		S. S. do Mundo	4	
		S. Cruz	8	
		S. L. dos Órgãos	2	
		São Miguel	0	
		Tarrafal	22	
	Maio		14	14
Total				117
Barlavento	Boa-Vista		15	15
	Sal		3	3
	S.Nicolau	Ribeira Brava	25	36
		Tarrafal	11	
	S.Vicente		14	
	Santo Antão	R. Grande	21	65
		Porto Novo	39	
		Paul	5	
Total			133	133
Total				250

Anexo 3
B – Ficha de Observação de Aula

Pólo nº ____ de _____	Escola _____
Data: ____ / ____ / ____	Ano de Escolaridade _____ Alunos presente na sala ____
Disciplinas: _____	
Nome do(a) Professor(a) _____	
Turma _____	

- Existência do plano de aula: Sim __ Não __

1	PLANIFICAÇÃO DA AULA	Sim	Não
1.1	Adequa o plano de aula para turma composta:		
1.2	Objectivos		
1.3	Conteúdos		
1.4	Estratégias		
1.5	Avaliação		

2	ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA DE AULA	Sim	Não
2.1	Organiza os alunos de acordo com o ano da fase.		
2.2	Organiza o espaço de acordo com os objectivos das aulas.		
2.3	A disposição dos alunos permite uma boa observação do quadro.		
2.4	Preocupa-se com a higiene da sala de aula.		
2.5	A disposição dos alunos permite a interacção com os colegas.		
2.6	A organização permite a circulação do professor para toda sala.		

3	DESEMPENHO	Sim	Não
3.1	Motivação		
3.1.1	Estimula o interesse pelos conteúdos para ambas as classes		
3.1.2	Explora os conhecimentos tácitos dos alunos		
3.2	Desenvolvimento da aula		
3.2.1	Respeita as ideias dos alunos.		
3.2.2	Domina a matéria.		
3.2.3	Expõe com clareza a matéria.		
3.2.4	Incentiva a criatividade dos alunos		
3.2.5	Permite o aluno apresentar as suas ideias.		
3.2.6	Desenvolve uma atmosfera de respeito mútuo.		
3.2.7	Esclarece as dúvidas aos alunos.		
3.2.8	Faz a distribuição equilibrada do tempo para as duas classes.		
3.2.9	Atende às necessidades individuais dos alunos		

4	AMBIENTE SALA DE AULA / DESEMPENHO DOS ALUNOS	Sim	Não
4.1	Expressam as suas ideias com clareza		
4.2	Participam espontaneamente nas actividades na sala de aula		
4.3	Respeitam uns aos outros		
4.4	Respeitam as ideias apresentadas pelos colegas		
5	ATENÇÃO DISPENSADA AOS ALUNOS	Sim	Não
5.1	Atende às necessidades individuais das		
5.2	Usa uma pedagogia diferenciada		
5.3	Se sim, qual? (breve descrição)		
5.4	A técnica de pedagogia activa sintoniza com o conteúdo da lição?		
5.5	Os alunos tomam parte activa na sala de aula?		
6	INTEGRAÇÃO DOS CONTEUDOS DA AULA COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL SAÚDE ESCOLAR E CIDADANIA	Sim	Não
6.1	Durante a aula explora aspectos ambientais e saúde em sintonia com os conteúdos		
7	AVALIAÇÃO	Sim	Não
7.1	Define a avaliação de forma clara		
7.2	Segue com atenção as actividades dos alunos das diferentes classes		
7.3	Utiliza meios adequados à correcção das actividades		

[illegible]

Anexo nº 4

A – Guião de entrevista

Objectivo: Recolher informações junto de um professor com uma longa experiência no trabalho com turmas compostas

Caracterizar o professor	Sexo Formação Anos de serviço como docente Anos a leccionar em turmas compostas
Recolher informações sobre o trabalho com turmas compostas	Que estratégias/ metodologias utiliza para trabalhar com turmas compostas? Qual o seu modelo de plano de aulas? (1 plano ou 2 planos de aula)
Conhecer as dificuldades/constrangimentos no trabalho com turmas compostas	Tem alguma dificuldade em trabalhar com as turmas compostas? Se sim, que dificuldades? E para os alunos, eles têm alguma dificuldade em estar numa turma composta?
Propor sugestões	Que soluções deixaria para os professores que trabalham com turmas compostas? E para o Ministério da Educação?

Anexo nº 5



INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
CURSO DE BACHARELATO EM SUPERVISÃO E ORIENTAÇÃO
PEDAGÓGICA

Questionário aos professores

Este questionário, destinado aos professores do ensino Básico Integrado, faz parte dum estudo que pretendemos realizar no âmbito da conclusão do Curso de Bacharelato em Supervisão e Orientação Pedagógica, no Instituto Superior de Educação (ISE), Subordinado ao tema “**Subsídio Para Trabalho Com Turmas Compostas no Ensino Básico.**” Sendo por isso, os dados deste questionário são confidenciais e servem exclusivamente para efeitos de elaboração do trabalho de fim de curso. Contamos com a vossa contribuição no preenchimento deste questionário, dando assim a sua colaboração no sucesso do nosso trabalho, pelo que antecipadamente, agradecemos a sua colaboração.

1. IDENTIFICAÇÃO:

Nome _____

Sexo: Masculino ☐ Feminino ☐ (assinale com x o seu sexo)

Local do trabalho _____

Função _____

Tempo de serviço _____

1.1. FORMAÇÃO ACADÉMICA / PROFISSIONAL (assinale com x a sua formação)

Licenciatura ☐ Bacharelato ☐

Magistério Primeiro ☐ Instituto Pedagógico ☐

Segunda Fase ☐ Primeira fase ☐

12º Ano ☐ Outros ☐

No caso de outros, especifique _____

QUESTIONÁRIOS

2. Em que turmas gosta de actuar?

Simple ☐

Composta ☐

2.1. Actualmente trabalha com turmas compostas? (**assinale com x a sua opção**)

Sim ☐

Não ☐

Se sim, que escola? _____ Indica anos da fase _____

2.1.2 Alguma vez já trabalhou com turmas compostas? (**assinale com x a sua opção**)

Sim ☐ Não ☐

Em que escola? _____ Quando? _____ Com que classe _____

2.1.3. Menciona anos (tempo) em que trabalhou com turmas compostas. _____ (**1;2...10**)

3. Será fácil planificar aulas para turmas compostas? (**assinale com x a sua opção**)

Sim ☐ Não ☐

3.1. Que tipo de plano utiliza para leccionar? (**assinale com x a tua escolha**)

Plano simples ☐ Plano integrado ☐

3.2. Como traça os objectivos?

3.3. Que estratégias adopta para dirigir os conteúdos, tendo em conta aos diferentes anos da fase?

3.4. Como faz a avaliação?

3.5. Como faz a exploração dos materiais didácticos numa classe sem despertar a atenção da outra classe?

Subsídios para Trabalho com Turmas Compostas

4. Que apreciação faz do tempo?

5. Tendo em conta a natureza das turmas compostas, como faz para mantê-las sempre motivadas?

6. Acha que o trabalho com turmas compostas desenvolve a aprendizagem dos alunos?

Sim ☐ Não ☐ (**Assinale com x a sua escolha**)

6.1 Justifique a sua resposta:

7. Gostaria de apresentar mais sugestões que não lhe foi solicitado?

Sim ☐ Não ☐ (**assinale com x a tua preferência**)

Se sim apresenta-as.

Subsídios para Trabalho com Turmas Compostas

Proposta de horário para as turmas compostas

Anexo 6

Proposta de horário para as turmas compostas

TEMPO	2ª Feira		3ª Feira		4ª Feira		5ª Feira		6ª Feira	
	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano
8:00 a 8:45	L. Port.	L. port.	Mat	Mat	L. Port.	L. Port.	Mat	Mat	L. Port	L. Port
8:45 a 9:30	Mat.	Mat	L. Port.	L. Port.	Mat	Mat	L. Port.	L. Port.	Mat	Mat
9:30 a 10:00	R E C R E I O									
10: 00 a 10:45	C.Inte	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte.	C. Inte
10:50 a 11:35	L. Port.	L. Port.	L. Port.	L. Port.	L. Port.	L. Port.	L. Port.	L. Port.	Expressão Plástica	Expressão Plástica
11:40 a 12:25	Ex. Mus.	Ex. Mus	Ex. F. Motora	Ex F. Motora	Ex. Dramática	Ex. Dramática	Ex. Plástica	Ex. Plástica	Ex Plástica	Ex Plástica

Subsídios para Trabalho com Turmas Compostas

TEMPO	2ª Feira		3ª Feira		4ª Feira		5ª Feira		6ª Feira	
	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano	1º Ano	2º Ano
13:00 a 13:45	L Port	L Port	Mat	Mat	L Port	L Port	Mat	Mat	L Port	L Port
13:45 a 14:30	Mat	Mat	L Port	L Port	Mat	Mat	L Port	L Port	Mat	Mat
14:30 a 15:00	R E C R E I O									
15:00 15:45	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ	C Integ
15:50 a 16:35	L Port	L Port	L Port	L Port	L Port	L Port	L Port	L Port	Ex Plás	ExPlás
16:40 a 17:25	Ex Mus	Ex Mus	Ex F Mot	Ex F Mot.	Ex Dram.	Ex Dram	Ex Plás	Ex Plás	Ex Plás	Ex Plás

Anexo 7

FICHA DE AVALIAÇÃO CONTINUA DOS ALUNOS

Professor (a) _____

O.B.S. Deve-se registrar as avaliações dos alunos com (+), (-) e as faltas com F. Assim ficam registadas assiduidade, pontualidade e as progressões durante o ano lectivo.

Henrique Tavares Fonseca

Anexo 8

PROPOSTA DA GRELHA DE REGISTO DA AVALIAÇÃO SUMATIVA

		1º PERÍODO			2º PERÍODO			3º PERÍODO		
DISCIPLINAS		L.por.	Mat.	C.I.	L.por.	Mat.	C.I.	L.por.	Mat.	C.I.
1º Teste	Quantitativa									
	Qualitativa									
2º Teste	Quantitativa									
	Qualitativa									
Nota do período	Quantitativa									
	Qualitativa									
Expressões										
		1º PERÍODO			2º PERÍODO			3º PERÍODO		
DISCIPLINAS		Plas.	Fis.	Mus.	Plas.	Fis.	Mus.	Plas.	Fis.	Mus.
	Quantitativa									
	Qualitativa									
	Quantitativa									
	Qualitativa									
Nota do período	Quantitativa									
	Qualitativa									

Legenda:

Plas. = Expressão Plástica

Fis. = Expressão Físico motora

Mus.= Expressão Musical

O.B.S. As grelhas podem ser alteradas de acordo com o critério do professor

Anexo 9

ORGANIZAÇÃO DA SALA

Quadro

Professor

1º Ano

2º Ano

Anexo 11



Figura 1-Apolinário Sanches

Bons professores usam a memória como depósito de informações, professores fascinante usam-na como suporte da arte de pensar, este hábito dos professores fascinantes contribui para desenvolver: pensar antes de reagir, expor e não impor as ideias, consciência crítica, capacidade de debater, de questionar de trabalhar em equipa.

Augusto Cury (Pais brilhantes e Professores fascinantes)